

O CÉREBRO DE BARTHES

Rosângela Fachel de Medeiros¹

Um lance de dados jamais abolirá o acaso.
Stéphane Mallarmé

Deus não joga dados com o universo.
Albert Einstein

*[...] que os dados não estejam lançados, que haja um
jogo.*
Roland Barthes

2015, quando Roland Barthes e a “Teoria da Relatividade Geral” completam cem anos... Em 25 de novembro de 1915, Albert Einstein apresentou em uma conferência em Berlin um conjunto de equações que revolucionaria para sempre a nossa compreensão do espaço, do tempo e da matéria, mostrando que os três estão intimamente ligados. Alguns dias antes, em 12 de novembro de 2015, em Cherbourg, na França, nascia Roland Barthes, que igualmente mudaria para sempre a nossa maneira de lermos o mundo. Assim, não houvesse o acaso lhe reservado um acidente fatídico ao atravessar a *Rue des Écoles*, saindo do *Collège de France*, em fevereiro de 1980, Barthes completaria 100 anos, em novembro de 2015, conjuntamente à Teoria Geral da Relatividade.

Nascido sob o signo de Escorpião, sujeito incerto, impecável e sagaz observador de seu tempo e do porvir, atento a tudo e aberto a todas as informações, nada fugia à sua percepção, que leu a mitologia de seu cotidiano, e, talvez nisso, mas não apenas nisso, estivesse à frente de seu tempo, zapeando por assuntos e linguagens, e tratando com irreverência os vigilantes das fronteiras disciplinares que queriam cercear-lhe o trânsito intelectual. Seu pensamento fractal e caleidoscópico fugia à sistematização e ainda hoje segue libertino e libertador. E sua escrita de prazer, mesclou,

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFGRS, professora do Curso de Letras e do Mestrado em Letras da URI/FW.

sem medo, o íntimo e o pessoal ao fazer intelectual e público, revelando o afeto que norteava suas amizades intelectuais.

Quando Einstein morreu, deixando seu cérebro como legado para a ciência para que pudessem ser desvendados os mistérios de sua potência enquanto máquina mais perfeita de pensar, Barthes escreveu que o cérebro do físico havia assim se transformado em um objeto mítico. Para Barthes, a mitologia de Einstein:

hace de él un genio tan poco mágico que se habla de su pensamiento como de un trabajo funcional análogo a la producción mecánica de las salchichas, a la molienda del grano o a la trituración del mineral: producía pensamiento, continuamente, como el molino de harina, y ha sido para él, ante todo, el detenimiento de una función localizada (BARTHES, 2005)

Einstein morreu sem comprovar a equação na qual tinha o segredo do mundo, a simplicidade da fórmula $E = mc^2$, que parecia entregar a todos a chave de acesso aos segredos do mundo, não se cumpriu. E assim, nas palavras de Barthes, era imprescindível algum fracasso de Einstein para que ele pudesse satisfazer plenamente o mito.

Ao sabor do tempo e da dinâmica da história e da vida, o cérebro de Barthes também nos foi entregue, mesmo antes de sua morte, através de seus textos... e foi, justamente, no jogo que estabeleceu através da linguagem na complexidade da simplicidade, marca tão bem pontuada por ele a respeito da fórmula de Einstein, que suas ideias se propagaram e disseminaram. Forma e conteúdo impecáveis no balé de um texto sedutor e apaixonado, apaixonado pelo próprio texto, apaixonado pelo leitor e, principalmente, apaixonado pelo enamoramento entre o texto e o leitor.

Mas se fossemos agora apresentar Barthes a um leitor principiante ou casual, que por algum motivo inesperado e desavisado chegou até nosso dossiê, gostaríamos de apresentá-lo pela simplicidade de seu texto e de seus afetos. Assim, ao invés de utilizarmos alguma citação de um autor importante, preferimos retratá-lo a partir de sua fala no dia em que, finalmente, ingressou no *Collège de France*. Ao falar de sua alegria por estar

assumindo como professor na instituição, Barthes faz questão de agradecer a Michel Foucault, pedindo permissão para “abrir uma exceção, na discricção com que a amizade deve mantê-los inominados: Michel Foucault, a quem sou ligado por afeição, solidariedade intelectual e gratidão” (BARTHES, 1977, p.10). É nesta fala de amizade intelectual que alicerçamos esse dossiê, na perspectiva de que a interlocução acadêmica mediada pelas (re)leituras de Barthes possa provocar novos entrecruzamentos teóricos e afetivos libertos de grilhões epistemológicos e disciplinares, uma vez que o próprio Barthes pode ser reconhecido como um habitante das soleiras. No percorrer desprezioso de uma livraria, encontraremos suas obras dispersas quase aleatoriamente pelas prateleiras disciplinares. Não será nada difícil encontrarmos *Diário de luto* no setor de Linguística, *Roland Barthes por Roland Barthes* em História, *Fragmentos de um discurso amoroso* no Romance Estrangeiro.

E foi dispersos entre nossos próprios caminhos e descaminhos teóricos e disciplinares em uma dessas conversas triviais que sucedem nos almoços, entre comentários sobre a vida e sobre as mais recentes fofocas midiáticas, entre a análise filosófica de algum novo programa de televisão e uma e outra de nossas citações favoritas, na fruição afetiva de nosso diálogo de uma amizade já bem mais que acadêmica, que chegamos e voltamos a Barthes, uma e outra vez; e nos perguntamos sobre quais assuntos, se ainda estivesse vivo, ele estaria falando hoje. Quais seriam os *punctuns* de nosso cotidiano liquefeito e virtual que despertariam seu interesse? Por quais veredas (trans)disciplinares flanaria seu olhar tão aguçado? E foi sob essa perspectiva, íntima e afetiva, que pensamos a proposta deste dossiê dedicado a leituras contemporâneas da obra de Barthes e aos múltiplos diálogos que podem ser instaurados entre seus textos e as mais variadas instâncias: artísticas, culturais, midiáticas, linguísticas, científicas, sociais, etc.; em um convite ao gozo da escrita em celebração à herança indelével do pensamento barthesiano.

Neste percurso afetuoso entrelaçaram-se diferentes leituras, vozes e olhares de autores que responderam ao nosso convite, confiando aos nossos cuidados seus textos, grão original do texto barthesiano germinado. Através das leituras nos conhecemos e nos reconhecemos, nos encontramos, nos identificamos e nos estranhamos.

O prazer de cada um destes textos se ressignifica nos possíveis entrecruzamentos e encontros fortuitos que esse dossiê proporcionou, nas possibilidades de diálogo textuais e intertextuais, nas aproximações e distanciamentos propiciados por uma leitura barthesiana. Os artigos aqui apresentados compõem uma constelação no mais puro sentido mallarmeniano, uma poesia coletiva que nasce do desejo de homenagearmos a um dos mais potentes cérebros do século XX. Entregamos aos nossos leitores um dossiê costurado e travessado por afetos e amizades intelectuais que se estabelecem e que se reafirmam nele e através dele. Nosso convite à leitura é também um convite à cumplicidade, um convite à fruição íntima e, ao mesmo tempo, compartilhada dos textos aqui apresentados. E, mais que tudo, nosso dossiê é um convite à celebração da amizade: amizade entre Ricardo e Rosângela, entre os autores e seus leitores, entre Barthes e nós, seus admiradores.

A amizade está tão estreitamente ligada à definição mesma de filosofia, que se pode dizer que sem ela a filosofia não seria propriamente possível. [...] Que é, com efeito, a amizade, se não uma proximidade tal que não é possível fazer dela nem uma representação nem um conceito? [...] O amigo não é um outro Eu, mas uma outredade imanente em si-mesma, e que se manifesta em outro ser. No momento em que eu percebo o prazer de minha existência, minha percepção é atravessada por uma percepção concorrente que a desloca e transporta-a para o amigo, na direção do outro ser. A amizade é esta dessubjetivação presente no coração da mais íntima autopercepção (AGAMBEN, 2012).

Aos antigos e novos amigos desejamos uma boa leitura!

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. Civitas.com. N.2. 2012. Disponível em: <http://civilistica.com/wp-content/uploads/2015/02/Agamben-civilistica.com-a.1.n.2.2012.pdf> Acessado em: 12 dez 2015.

BARTHES, Roland. *A aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BARTHES, Roland. El cerebro de Einstein. *Página 12*. Sábado, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/futuro/13-1379-2005-12-31.html> Acessado em: 11 out 2015.